

Dayanne de Melo Ribeiro

**9º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

GT 01: Imaginando Sociologias Antirracistas:
Branquitude e Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico

**A ALEXANDRIA FEMININA – UM CAMINHO ENTRE AS CINZAS NA
SOCIOLOGIA: o androcentrismo e o eurocentrismo na formação do
currículo escolar.**

São Paulo/SP

2025

A ALEXANDRIA FEMININA – UM CAMINHO ENTRE AS CINZAS NA SOCIOLOGIA: o androcentrismo e o eurocentrismo na formação do currículo escolar.

Dayanne de Melo Ribeiro ¹

RESUMO

A proposta deste trabalho é refletir e analisar criticamente o currículo, que repleto de androcentrismo e eurocentrismo faz surgir questionamentos como: será que o que sabemos é exatamente o que nos contaram? O que seria da sociedade sem a sua história e suas lembranças? O que é da memória e história das mulheres pretas, brancas e pardas se não forem escritas por elas mesmas, mas por seus opressores? Nesse sentido, o problema destacado é: há impactos refletidos pela falta de representatividade étnico-racial e do gênero feminino no currículo para com os discentes? Tendo como um de seus objetivos: identificar como a cultura do machismo e o racismo estrutural também são consequência desse tipo de currículo escolar do ensino médio; bem como demonstrar de que maneira essa temática pode contribuir para o cotidiano e convívio dos discentes além do ambiente escolar; E propor como algumas autoras femininas ausentes no currículo acadêmico podem ser abordadas em sala. Com orientação teórica-metodológica de pesquisa qualitativa documental, com revisões na literatura, a pesquisa obteve como principais resultados alcançados: a constatação da influência do androcentrismo e eurocentrismo na formação do que se tem hoje do currículo. Isso contribui para o surgimento de muitos dos desafios presentes no ensino, a exemplo de temas sensíveis voltados às relações étnico-raciais e de gênero.

Palavras-chave: Sociologia, Eurocentrismo, Educação, Protagonismo Feminino, Androcentrismo.

1 INTRODUÇÃO

Desde o início de uma licenciatura aborda-se sobre currículo, fala-se que ele é considerado um guia para os professores, a base que os sustenta – dizem os desmoderados -, e também um percurso a ser seguido, entre muitas outras frases semelhantes. Do latim curriculum, a origem dessa palavra de fato tem como seu significado pista ou circuito, trajeto, caminho. Mas, são apenas os docentes que caminham nessa estrada? Antes disso estes não foram também alunos e também passaram por esse mesmo caminho, e tiveram suas percepções pessoais e intelectuais dessa trajetória? Como alguém se sentiria se caminhasse em uma estrada sem seus semelhantes?

¹ Pós-graduanda do Curso de Educação em Direitos Humanos da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, branca, gênero feminino, Congo - Paraíba, dayanne.sax100@gmail.com

Imagine que você está caminhando neste momento em uma estrada nomeada de trajetória escolar, a sua trajetória. Observando essa estrada, pare e pense: quantas mulheres passaram por ela, ou caminharam junto a você durante seu percurso? Ou melhor, quantas mulheres você já viu durante toda sua trajetória acadêmica, ou do seu ensino fundamental e médio? Alguma na disciplina de Filosofia? História ou Sociologia? E se apareceram, quantas eram negras, quantas foram protagonistas? Mesmo que seja dado mais tempo para se pensar, é provável que muitos não saibam responder de imediato ou não lembrem, ou de fato nunca viram nenhuma. Quanto tempo é necessário para que alguém consiga listar no mínimo cinco mulheres sobre um período escolar que dura em média 12 anos, nestas disciplinas citadas acima ou em seus cursos de graduação e pós?

Sim, são muitas perguntas, talvez agora você esteja começando a entender o ponto da questão. Mas se licenciados, bacharéis, mestres e doutores têm tantos questionamentos, imagine a mente de uma jovem periférica estudante do interior, que é marginalizada tanto por seu gênero como sua raça ou cor? É sabido que adolescentes passam por muitas fases, todos já foram um, e que além de sofrerem bullying, quando mulher e negra, essas adolescentes sofrem em dobro, com preconceito, baixa autoestima, etc. E o currículo possui correlação com o empoderamento das mulheres, e a falta de representatividade de mulheres nesse quesito é muito alta, e quando se fala de mulheres negras mais ainda.

Refletir sobre as relações étnico-raciais e de gênero no ensino é de extrema relevância, pois a construção social de gênero começa por todos os lados, e principalmente na escola, onde essas alunas passam boa parte de suas vidas. E a Sociologia deve ser uma das primeiras a problematizar isso e aplicar em seu método de ensino, pois como apontado pela própria Base Nacional Comum Curricular, seu compromisso é obter “a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza” (BRASIL, 2018, p. 561).

Diante disso, se destacam dois “centrismos”, que, assim como Nascimento (2020, p. 1) cita, “dividem e desagregam os valores humanos”, em que as gerações futuras com a ajuda dos docentes do presente lutarão pela erradicação, pois o futuro também é agora. E um deles é o androcentrismo, que coloca todas as formas de expressão e ideias masculinas - machistas, conservadoras e moralistas- como únicas e mais relevantes, estando acima de todos. O homem é o centro, e por mais que a sociedade atual se comparada com o passado esteja buscando desconstruir isso, o domínio continua androcêntrico (NASCIMENTO, 2020).

Já no eurocentrismo, a Europa é o foco de tudo, a única e irrefutável protagonista da história da humanidade, a influenciadora pioneira em todas as coisas consideradas progressistas

no mundo. No entanto, como o maior colonizador do mundo é excepcionalmente o centro de tudo da história, se para se colonizar precisam existir antecedentes a eles para serem colonizados? Como seria nossa história se contadas por esses outros? (ALATAS; SINHA, 2017). Nas Ciências Sociais, podemos exemplificar isso com Max Weber, Émile Durkheim e Karl Marx. O problema não é estudá-los e sim restringir-se só e apenas a eles. O mundo não é constituído apenas pelo ocidente, deve-se abordar contextos históricos e práticas culturais de todos os estudantes, é necessário a representatividade, as vozes femininas. Para a Ciência, vieses são um problema, não seria também um tipo de viés, no caso dois – e talvez o maior deles – o androcentrismo e o eurocentrismo? (ALATAS; SINHA, 2017).

Se estas mulheres, sejam elas pensadoras sociais, heroínas, inventoras, pioneiras, revolucionárias, historiadoras, etc., fossem homens naquela época, sua intelectualidade seria melhor aceita. A Alexandria Feminina apresentada como parte do título deste trabalho, faz alusão a Biblioteca de Alexandria que assim como ela, o intelecto feminino foi queimado e apagado, mas por motivos diferentes: pelo simples fato de pertencerem ao gênero feminino, virando fumaça e cinzas. Suas cinzas são o que ainda temos de registros sobre elas. E que, literalmente, foram queimadas na fogueira, consideradas bruxas. Mulheres inteligentes ainda hoje são consideradas como perigo, ainda são tratadas como bruxas e sofrem isso todos os dias, queimadas diariamente pelo machismo, racismo, exclusão social. A única diferença daquele período para este é que na Europa medieval elas tinham um dia marcado para serem queimadas, e hoje são postas na fogueira cotidianamente. Semelhantes inclusive à fogueira, visto que o gênero feminino parece não poder obter destaque sem críticas, em que como consequência de seu brilho deve queimar com os julgamentos desta sociedade patriarcal.

E então, o caminho do currículo se transforma em um corredor, corredor esse silencioso, misterioso. Há um apagamento de narrações, pouco se encontra literaturas ou documentos sobre mulheres que fizeram parte do mesmo contexto que Weber, Durkheim e Marx, e que contribuíram da mesma forma que eles. E dos poucos registros que restaram, a maioria são estrangeiros. E as desigualdades atuais, que passam despercebidas muitas vezes, resultam disso, são gritos silenciosos. A falta de representação do feminino e das etnicidade-raciais, principalmente no Brasil, são gritantes, e o que mais intriga é que, ao abordar sobre a história da educação feminina brasileira:

A primeira reivindicação pela instrução feminina no Brasil partiu de um indígena, que pediu ao padre Manoel de Nóbrega que ensinasse sua mulher a ler e a escrever. Os indígenas estranhavam a diferença de oportunidades educacionais entre homens e

mulheres, visto que estas eram consideradas companheiras (FERNANDES, 2019, n.p).

Nesse sentido, em um país como o Brasil, que é conhecido por velar seu preconceito, é de extrema importância buscar “a desconstrução do processo de naturalização que se formalizou na sociedade e propiciando um olhar crítico às narrativas e ações cotidianas dos sujeitos” (NASCIMENTO, 2020, p. 5). Desvendar os olhos e problematizar o que é tido como natural em nossa cultura é crucial para um país desenvolver-se livre desse racismo camuflado. Perceber essa ausência e exclusão de histórias no âmbito escolar, transformará essa exclusão em uma história de luta contadas pelos seus, porque em um currículo a presença de homens brancos é predominante e protagonista, tanto em teorias, como em histórias e tudo mais. Desse modo, como a minoria irá vencer? (NASCIMENTO, 2020).

A proposta deste trabalho e o sentido do título dado a ele é uma reflexão e análise crítica ao currículo, que repleto de androcentrismo e eurocentrismo faz surgir questionamentos como: será que o que sabemos é exatamente o que nos contaram? Se Alexandria significa defensora e protetora da humanidade no grego antigo, o que seria da sociedade sem a sua história e suas lembranças? O que é da memória e história das mulheres pretas, brancas e pardas se não forem escritas por elas mesmas, mas por seus opressores?

Logo, o problema destacado por esta pesquisa é: há impactos refletidos pela falta de representatividade étnico-racial e do gênero feminino no currículo para com os discentes? Tendo como objetivo geral: refletir e analisar criticamente o androcentrismo e o eurocentrismo presentes no currículo escolar do ensino médio, tentando identificar quais impactos eles geram nas jovens discentes em uma perspectiva ampla de cotidiano, vida acadêmica e pessoal. Especificamente identificando como a cultura do machismo e o racismo estrutural também são consequência desse tipo de currículo escolar do ensino médio; Bem como demonstrar de que maneira essa temática pode contribuir para o cotidiano e convívio dos discentes além do ambiente escolar; E investigar como a ausência de representatividade étnico-racial e do protagonismo feminino no ensino gera impacto na formação acadêmica das gerações atuais e futuras; Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária; E por fim propor como algumas autoras femininas ausentes no currículo acadêmico podem ser abordadas em sala. A orientação teórica-metodológica é a pesquisa qualitativa documental, com revisões na literatura.

2 METODOLOGIA

O método qualitativo foi considerado o mais adequado para efetivação deste trabalho e objetivo a ser alcançado. Essa escolha permitiu que se analisasse criticamente, levando a provocações e reflexões profundas, que por conseguinte conduziram a uma proposta de elaboração de material didático sobre o tema e suas correlações e impactos, com possibilidade de aplicação tanto no Ensino Médio bem como utilização nos cursos de graduação de Ciências Sociais em disciplinas específicas. Buscando assim propor um caminho para uma possível solução, uma tentativa para o problema em questão.

Dado que, com a pesquisa bibliográfica é possível analisar de maneira mais ampla um problema que já possui certa nitidez na construção de uma sociedade, perpetuado de inúmeras formas mas nem sempre enxergado de fato, que ao mesmo tempo que estão explícitos ali naqueles documentos, se tornam ocultos se não analisados e refletidos criteriosamente. Através de uma orientação teórica-metodológica com a pesquisa qualitativa documental, com revisões na literatura, obtém-se resultados em livros didáticos e dossiês, literaturas metodológicas e pedagógicas, relatos de experiências. Além de pesquisas, artigos e livros já publicados sobre tal tema, porém pouco disseminados, fazem com que se identifique o problema entendendo melhor a sua dimensão.

Pretendeu-se, primordialmente, dar relevância e realizar a pesquisa com referências bibliográficas de autoria feminina, sobretudo fora do eixo europeu. Propondo-se a construção de materiais didáticos com arquivos auxiliares, das autoras apresentadas anteriormente, e seus respectivos temas de estudo, temas correlacionados. Materiais esses, que podem ser aplicados em turma do Ensino Médio, voltados substancialmente às turmas dos 2º e 3º anos, pelo seu nível de maturidade.

Foram escolhidos como base três livros para a elaboração e construção do material pedagógico: Como ser um Educador Antirracista, da autora Bárbara Carine Pinheiro, que além de professora, é a idealizadora da primeira escola afro-brasileira do Brasil, a Escola Maria Felipa em Salvador - Bahia; Diferentes, não Desiguais: a questão de Gênero na escola, cujo autores são Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado e Michele Escoura, todos graduados em Ciências Sociais; e Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil, o qual as autoras são Aryane Cararo e Duda Porto de Souza. Considerando crucialmente uma visão e pedagogia decoloniais, e narrativas de (re)existências de jovens estudantes negros na Licenciatura, que “contam suas próprias histórias formativas, se apoderam delas para produzir uma didática e uma pedagogia antirracista” (OLIVEIRA, A.; MOURA; OLIVEIRA, L., 2024, p. 51). Além de pesquisas sobre os desafios das abordagens sobre a construção do gênero nas

aulas de Sociologia e suas implicações sociais para os estudantes do ensino médio. Com perspectivas feminista, antirracista, decolonial, interseccional e, que reflitam a branquitude e seus privilégios, apontando para um letramento racial. Que estimule a uma educação mais inclusiva e diversa/plural/cultural, que reflita sobre as relações étnico-raciais e de gênero no Ensino de Sociologia, voltada para a formação de educadores(as) e práticas educativas contra-hegemônicas.

2.1 O REFLEXO DOS IMPACTOS

Nem tudo que brilha é necessariamente bom ou precioso. Certamente você já ouviu alguma frase semelhante por aí, mais precisamente como “nem tudo que reluz é ouro”. E de fato, o reflexo dos impactos causados pelo *Teto de Vidro*, fenômeno que reflete “as várias barreiras simbólicas, impostas sutilmente - por isso ditas transparentes -, mas suficientemente fortes para impossibilitar a ascensão de mulheres aos mais altos postos da hierarquia organizacional” (SILVA, 2016, p. 15) ou demais posições de conquista, seja ela pessoal ou profissional, sobretudo de mulheres negras, devem ser vistos por meio de lentes interseccionais. São muitas as linhas que se cruzam aqui, raça/classe/gênero são apenas as consideradas “cores primárias” dessa lente. Podemos enxergar isso como nos foi ensinado na matemática, com a interseção de circunferências, onde dentre elas iremos encontrar também a orientação sexual, Pessoas com Deficiência (PcD), religião, aspectos físicos (gordofobia, tamanhismo), e até idade (incluindo o etarismo).

A gama de pesquisas e estudos com este tema, que reflete os impactos em múltiplas disciplinas, não só na Sociologia, é mais que prova, conferindo que SIM, há impactos refletidos pela falta de representatividade étnico-racial e do gênero feminino no currículo para com os discentes. Serão citadas aqui narrativas/dados oriundos de algumas das pesquisas prévias de campo revisadas documentalmente sobre o tema, não só para com os discentes do Ensino Médio, como também professoras pretas, na graduação e pós, e crianças na educação infantil. Exemplos na disciplina de Educação Física, Língua Portuguesa, bem como na área da Contabilidade e Química não foram descartados.

Uma pesquisa realizada com jovens de uma escola estadual situada em Uberlândia – Minas Gerais, intitulada “*Jovens Negras e A Sala De Aula: Caminhos Para Promover o Reconhecimento da Negritude Feminina por Meio do Ensino De Sociologia*”, demonstrou que, com base nos dados da etnografia e das entrevistas realizadas com estudantes pretas, evidencia-se:

que, de fato, raça e gênero são marcadores sociais que se correlacionam e produzem problemáticas na construção da identidade étnico-racial de jovens negras em decorrência das opressões que se desdobram na realidade social desse público. No ambiente escolar, essas jovens ainda vivenciam as dimensões do racismo e a desigualdade de gênero, inclusive por parte do senso comum dos(as) educadores(as) que pouco problematizam esses fenômenos sociais e, conseqüentemente, os naturalizam. Desse modo, interseccionalidade representa um pressuposto primordial para que, por meio do Ensino de Sociologia, o reconhecimento da negritude feminina ocorra de forma menos tardia e as problemáticas de raça e gênero sejam debatidas de forma crítica em sala de aula [...] Diante da ausência desse debate no campo da Sociologia da Educação, é necessário construir um contexto de emergência do mesmo, a fim de transformar o cenário de invisibilidade teórica e social que envolve a vivência de jovens e mulheres negras (SOUSA, 2016, p. 8).

Mariana Sousa (2016) ainda destaca outras conseqüências que também se relacionam a construção de identidade, mas de forma mais objetiva, ela aponta que a busca pelo padrão estético predominantemente branco, faz com que as jovens negras neguem seus fenótipos, no que diz respeito aos cabelos crespos, nariz e boca. Não afirmando e se identificando étnico-racialmente. Sem contar que são “atingidas pelos efeitos da democracia racial que, por reforçar a ideia da ‘mistura das raças’, gera questionamentos de sujeitos negros sobre a essência de suas racialidades: ora são claros demais para serem negros, ora não são tão escuros para se autodeclararem como tal” (SOUSA, 2016, p. 185).

Já em uma pesquisa feita sobre a discriminação racial e pluralismo nas escolas públicas da cidade de São Paulo, Eliane Cavalleiro (2005, p. 83) trata das conseqüências da invisibilização no ambiente escolar no que diz respeito aos recursos pedagógicos afirmando que:

as ilustrações presentes nesses recursos pedagógicos, embora seja possível reconhecer personagens negros, são, em sua maioria, representações de personagens brancas. Decorrente desse quadro surge outro fator, o qual se depreende do processo de entrevistas: os profissionais não percebem que a disparidade nas representações de personagens negras e brancas pode ser fonte de rebaixamento de auto-estima e um facilitador para a construção de autoconceito negativo por parte das crianças negras. E, diametralmente, que pode ser fonte de construção de um sentimento de superioridade por parte das crianças brancas, pelo simples fato de terem a pele branca e fazerem parte, portanto, do grupo que constitui a maioria em ilustrações e referências culturais e históricas nesse tipo de material – o que sinaliza a referência de poder, beleza e inteligência.

Trazendo principalmente para meninas estudantes uma sensação de não pertencimento, assim como discorrido por Cavalleiro (2005, p. 69-70):

Aspectos do cotidiano escolar como currículo, material didático e relações interpessoais são hostis e limitadores de aprendizagem para os(as) alunos(as) negros(as). Nesses espaços, as ocorrências de tratamentos diferenciados podem conduzir, direta ou indiretamente, à exclusão deles(as) da escola, ou ainda, para os(as) que lá permanecem, à construção de um sentimento de inadequação ao sistema escolar e inferioridade racial. Como consequência, a população negra apresenta os piores indicadores educacionais nas taxas de analfabetismo [...] Em decorrência dessa educação discriminatória e, conseqüentemente, desigual, o baixo nível de escolaridade da população negra contribui para manter a sua exclusão do mercado de trabalho, agravada pelas constantes e intensas reatualizações do mundo contemporâneo. Acrescente-se a isso o fato de que os processos de seleção operam, por vezes, com intervenção da mentalidade racista. Valores negativos, como a inadequação, são atribuídos a pessoas negras, desqualificando-as para obter os postos de trabalhos mais elevados.

Desse modo, a escola acaba por contribuir ao invés de quebrar essas desigualdades, não cumprindo com seu papel de cidadania e preservação dos Direitos Humanos. E nesse sentido, no que se refere ao percurso acadêmico, uma pesquisa desenvolvida entre os meses de agosto de 2019 e junho de 2020 na cidade de Porto Velho, verificou-se os impactos de raça e gênero na trajetória acadêmica pautadas a partir de narrativas de uma professora preta. Eunice Johnson sofreu apagamentos e preconceitos durante sua caminhada, nunca recebendo o protagonismo devido. Na única Universidade pública do Estado de Rondônia, a qual ela teve extrema importância para sua fundação e que foi “estruturada tendo como ponto fundamental a titulação que só ela detinha no momento” (HILÁRIO; SANTOS, 2021, p. 1.630), ela não foi reconhecida nem mesmo na edição de comemoração do aniversário da Universidade, não sendo convidada nem citada em nenhuma das publicações feitas, apagada da história e memória da Universidade e seus estudantes (HILÁRIO; SANTOS, 2021).

É necessário ações coletivas, afirmativas, que contribuam mutuamente para a construção de saberes emancipatórios sobre os marcadores sociais. Planos de Ação que construam novas práticas, zelando cada processo e formação não só de professores, como de todo o corpo acadêmico. Reverberando novos projetos e compromissos firmados nos sistemas de ensino e chão das escolas, combatendo essa segregação social que reforça as relações de poder favoráveis à manutenção das desigualdades que caracterizam nossa estrutura social. Tornar cada vez mais visível essas formas de violência, que têm se tornado um fenômeno cada dia mais dilacerante, focando nas múltiplas faces e ligações em que ele se apresenta, sobretudo, na América Latina. Visto que a idolatria epistemológica colonial se faz presente em praticamente todas as áreas da educação, instituída às custas do extermínio físico e simbólico de Outros sujeitos e seus saberes, nesse privilégio epistêmico do homem branco ocidental. Por

consequente, Ivana Freitas (2009, p. 68) fala a respeito da segregação sofrida por pessoas negras em materiais didáticos em sua dissertação, afirmando ser preciso:

combater a representação distorcida da população negra no livro didático bem como a omissão deste segmento. É necessário então observar o que o discurso do livro didático vincula, o que silencia, e por fim, quais as causas e conseqüências desse silenciamento. Pois em muitos casos o silêncio fala de forma precisa e contundente. Mais do que isso, esse silêncio pode ecoar signos de ódio e a omissão pode representar desejo de extermínio.

Freitas (2009) comenta que existe uma mensagem subliminar no apagamento, “esquecimento” e exclusão dos negros, seja em livros didáticos, ou revistas, *outdoors*, propagandas, etc., insinuando que negros não são bem-vindos, que não há “tipos” como os deles neste grupo, e nem os querem, com raízes no eugenismo:

Nesse sentido, é possível acreditar que há uma espécie —de cartell ou se preferirmos — “pacto de branquitude” no que se refere à representação distorcida da população negra brasileira no que se convencionou chamar de livro didático no Brasil. Esse posicionamento redundantemente eurocêntrico também perpassa a apresentação dos autores e conseqüentemente a forma como é construído o discurso do livro didático (FREITAS, 2009, p. 78).

Indo para o caminho das políticas públicas, em um artigo de Cláudia Vianna e Sandra Unbehaum (2004), salienta-se a preocupação com o debate de gênero há mais de 20 anos atrás, e percebe-se que evoluímos engatinhando. Nele, mostra-se “que adotar a ótica de gênero para a análise dessas políticas permite avaliar como elas podem facilitar ou dificultar a aquisição de padrões democráticos, uma vez que a política educacional não tem um papel neutro, dissociado de preconceitos, entre os quais destacamos o de gênero” (VIANNA; UNBEHAUM, 2004, p. 77). Destacando um ponto que, para muitos, permanece igual décadas depois:

Poucas são as investigações que abordam o impacto da discriminação de gênero nas políticas públicas educacionais, tais como a persistência da discriminação contra as mulheres expressa em materiais didáticos e currículos, a limitação ao acesso à educação e permanência na escola, sobretudo das jovens grávidas, bem como o fracasso escolar que marca de maneira distinta a trajetória escolar de meninos e meninas. A escassez dessa abordagem espelha-se na raridade de análises densas sobre a discussão acerca da igualdade entre homens e mulheres prevista na Constituição Federal de 1988. As reflexões sobre o atual desenvolvimento de políticas educacionais e suas conseqüências para um sistema de ensino que reproduz de alguma maneira a

desigualdade de gênero não foram ainda suficientemente desenvolvidas (VIANNA; UNBEHAUM, 2004, p. 78-79)

Assim, a neutralidade científica não é um caminho na metodologia educacional, até porque, como já foi citado, nem mesmo a política educacional tem um papel neutro ou os livros didáticos. Então, vamos aqui adotar como bell hooks (2017) almejou ensinar a todos nós, através de lentes interseccionais, que devemos desafiar o sistema de ensino tradicional, cabendo tudo isso aos educadores e pesquisadores transgredir e questionarem conceitos, métodos e atitudes hegemônicas. Propondo abordagens inclusivas, empoderando não só o povo negro, mas indiscutivelmente as mulheres. No seu livro *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*, bell hooks (2017) além de apontar que essas ações transgressoras devem agir como forma de valorização, e não marginalização, da cultura e do povo preto, a autora confirma que as estruturas de poder, destacando o machismo, racismo e classismo, afetam SIM o sistema educacional, refletindo no processo de ensino e aprendizagem dos jovens discentes, e indo mais além: afetando seu cotidiano, sua vida adulta, seus sonhos, seus futuros (hooks, 2017). E mudar muitas vezes pode parecer limitado, restrito, que “não vai dar em nada”, mas ao levantar para partir à luta pela equidade de gênero e respeito à diversidade, lembre-se sempre de seus ancestrais, dos caminhos percorridos por eles para que você fosse a certeza de quem te plantou para ter uma colheita melhor, sendo a esperança e o agente da mudança que você deseja viver.

2.2 A CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO

Nesse sentido, pode-se encontrar mais abaixo, no apêndice, materiais didáticos com sequências de aula elaboradas nesse sentido, de transformar e abranger melhor a forma de aprender e analisar a sociedade sob uma ótica mais dinâmica e voltada para o cotidiano dos estudantes. Os conteúdos programáticos e eixos temáticos, assim como os bimestres em que cada um pode ser tratado, ficam a critério do educador, podendo ser usados com diálogo transdisciplinar, conversando com outras matérias. As atividades/avaliações distribuídas em cada sequência são sugestões de uso livre que podem ser alteradas ou complementadas para as demais autoras, e com elas é possível trazer noções e informações elementares sobre determinado tema.

E com toda certeza, as ciências sociais assim como a disciplina de Sociologia, “ganharia muito se incorporasse estas autoras nos seus cursos regulares, tanto pelo ponto de vista que

trazem sobre as sociedades em que viveram como pela qualidade dos trabalhos que nos legaram” (CANDIDO; DAFLON, 2017, p. 9), frase dita por Bila Sorj, socióloga e pioneira dos estudos de gênero no Brasil, em entrevista. Que esses recursos educativos evoquem a memória dessas mulheres pensadoras sociais e entre muitas outras, que resistamos, por mais que resistir seja cansativo. Que então cheguemos a um nível de convivência que o resistir não seja mais preciso. Pois, desde cedo, garotas aprendem a mirar baixo, e que mirar alto é para homens. Que quebre os grilhões que ainda nos impedem de alar. Porque este trabalho não acaba aqui.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O que torna alguém um clássico da Sociologia? Sabe-se que para isso em dado momento alguma pessoa irá escolher quem sim e quem não, assim como processos sociais, elitistas e discriminatórios serão decisivos e influenciadores neste quesito. Entretanto, se a escolha não bastar e o que mais influenciar for o destaque do seu trabalho, então, que fundamento explica a ausência de certas figuras femininas no currículo? Talvez já saibamos a resposta, mas relutamos em acreditar no real motivo, pois receamos que nos tachem, e não é necessário muito para isso.

O androcentrismo é fato, ele existe. E revela que eles escolhem o que ELES consideram temas legítimos. De modo sucinto: homens sempre escolhem homens. Conferindo assim, de acordo com Verônica Daflon e Bila Sorj (2021, p. 12), que sobrevém “determinada identidade à comunidade de cientistas sociais fundamentada em um ato original de exclusão de todo um domínio de investigação ligado às questões de gênero”. Não sendo esse o único obstáculo, o eurocentrismo é reprodutor de desigualdades de maneira conjunta, gerando impactos no currículo e na maneira de pensar sobre certos aspectos da sociedade.

Nesse sentido, iremos nos deparar especialmente com mais três pensadoras sociais escolhidas para serem discutidas mais detalhadamente e abordadas em sala de aula nesta pesquisa. Olive Schreiner, Pandita Ramabai Sarasvati e Ercília Nogueira Cobra ganharam destaque pelos seguintes critérios: essencialmente por fugirem da rota do eixo Europeu, pois uma das críticas presentes aqui é justamente o Eurocentrismo além do Androcentrismo, por mais que as outras também sejam mulheres, buscou-se aqui trazer pluriculturalismo; Olive justifica-se, primordialmente, por ser a única autora social negra e africana que se tem materiais coletados suficientes para esse tipo de aplicação educacional. Bem como a sua relevância em questão da representatividade étnico-racial e temas atemporais elencados em sua bagagem autoral para a sociedade, a exemplo da desigualdade de gênero e o racismo.

Ramabai, devido a sua coragem ao tocar em questões tão sensíveis para sua cultura, ao problematizar as imposições e distorções religiosas que buscam justificar principalmente a violência de gênero. Tema o qual vem se intensificando cada vez mais em torno de protestos contra guerras de cunho religioso com finalidades de posses de territórios, entre proibições, genocídios, etc. Pontuando também a sua pluralidade cultural, por advir do continente asiático, dado que um dos fatores, como já mencionado, é diversificar os continentes, desviando-se do previsível. Ademais, por ter sido defensora dos direitos humanos, fundamento importantíssimo para sua relevância social; Ercília suspeitosamente por ser uma autora brasileira pouco difundida e estudada, e localizar-se na América Latina, o que carrega uma representatividade territorial. Conjuntamente a sua discussão em torno da sexualidade feminina, tema que ainda enfrenta muitas barreiras no sistema de educação no Brasil. E esta autora debate sem tabus tal temática, abrangendo tópicos muito específicos em relação a estigmatização da mulher em nosso país, hipersexualizada mundo afora, sobretudo, pelos estrangeiros europeus.

Posto isso, enfoques no âmbito acadêmico de perspectivas femininas sobre o mundo podem sim realizar uma grande e profunda mudança no futuro. À vista disso, o currículo apresentaria uma correlação com o empoderamento feminino, quebrando gradativamente convenções sociais antagônicas às mulheres. E esses adolescentes e jovens, quiçá crianças, visualizarão o mundo e rótulos com outros olhos, analisando de maneira crítica e reflexiva gestos, pensamento e falas opressoras.

4 CONCLUSÃO

Diante disso, através de uma orientação teórica-metodológica com a pesquisa qualitativa documental, com revisões na literatura, obtém-se a constatação da influência do androcentrismo e eurocentrismo na formação do que se tem hoje do currículo. Isso contribui para o surgimento de muitos dos desafios presentes no ensino, a exemplo de temas sensíveis voltados às relações étnico-raciais e de gênero, pois há resistência e conflito de ideias, falta de conhecimento prévio de temas desse tipo, superficialidade na abordagem, ausência de inclusão, e não valorização das diferentes perspectivas existentes. E ao trazer as abordagens pedagógicas até aqui apresentadas, será possível promover a conscientização e inclusão, uma vez que o estudo dessas relações permite que os alunos reconheçam a existência de privilégios e desvantagens baseados na identidade étnico-racial e de gênero, incentivando uma visão crítica da sociedade. Contribuindo essencialmente para a justiça social, dado que a compreensão das desigualdades étnico-raciais e de gênero motiva os alunos a se envolverem em ações de justiça

social e a trabalhar para a construção de uma sociedade mais igualitária, assim como desafiando estereótipos e preconceitos ao analisar as construções sociais de raça e gênero, os alunos podem identificar e questionar estereótipos prejudiciais e preconceitos arraigados em nossa cultura.

Pois a ausência do feminino no currículo estimula com maior impulso a cultura machista e o racismo estrutural, se tornando mais um dos obstáculos existentes para luta contra esses “ideais”. Além de não influenciar meninas, as estudantes do ensino médio em questão, a se inspirarem em outras mulheres neste campo, pois elas não aparecem, são apagadas. As consequências do androcentrismo e eurocentrismo estão muito presentes na constituição da nossa sociedade, sendo a sua própria estrutura. E o currículo possui correlação com o empoderamento das mulheres, e a falta de representatividade de mulheres nesse quesito é muito alta, e quando se fala de mulheres negras mais ainda. Refletir sobre as relações étnico-raciais e de gênero no ensino é de extrema relevância, pois a construção social de gênero começa por todos os lados, e principalmente na escola, onde essas alunas passam boa parte de suas vidas. E a Sociologia deve ser uma das primeiras a problematizar isso e aplicar em seu método de ensino.

Não abordar sobre essas mulheres que também fizeram parte da história no currículo escolar, seja na própria disciplina de história, ou na teoria social, entre outras disciplinas, faz com que essas jovens não se sintam incluídas de fato na sociedade. Acarretando diversificados impactos tanto nas gerações atuais, como nas gerações vindouras. A exemplo da não visibilidade das mulheres, sobretudo negras, implica em desigualdades e discriminação, impactando diretamente em seu cotidiano, como a aceitação, atrasando a sua inspiração ao ativismo, sua narrativa. E resultando também como consequência em sua carreira, pois o estereótipo de gênero gera uma ideia de que mulheres têm mais inclinação para área de cuidado, justamente por essa cultura presente no sistema e no próprio currículo desde muito cedo. Assim, a porcentagem de mulheres nas áreas das exatas, ciências e tecnologia é muito baixa.

Isto posto, a relevância e o contexto dessa abordagem causa uma construção social saudável com entrelaçamento de identidades, diálogo e escuta ativa, sensibilidade cultural e autoconsciência, estimulando a reflexão crítica cada vez mais, inspirando o ativismo, além de fomentar a empatia. Valorizar as diferentes perspectivas promove a inclusão na sala de aula, criando um ambiente de mais respeito e segurança, preparando desde já para os desafios futuros no enfrentamento de resistências persistentes.



REFERÊNCIAS

ALATAS, Syed Farid; SINHA, Vineeta. **Sociological Theory Beyond the Cannon**. Tradução: Bárbara Vítor. Londres: Palgrave Macmillan, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2024.

CANDIDO, Marcia Rangel; DAFLON, Verônica Toste. Bila Sorj: socióloga e pioneira dos estudos de gênero no Brasil. **Caderno de Estudos Sociais e Políticos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 8-9, 2017. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/CESP/article/view/32841>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

CAVALLEIRO, Eliane. **Discriminação Racial e Pluralismo nas Escolas Públicas da cidade de São Paulo**. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume2_educacao_anti_racista_caminhos_abertos_pela_lei_federal_10639_2003.pdf>. Acesso em: 09 set. 2024.

DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. **Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

FERNANDES, Fernanda. A História da Educação Feminina. **MultiRio**, 2019. Disponível em: <<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educac%C3%A7%C3%A3o-feminina>>. Acesso em: 05 set. 2023.

FREITAS, Ivana Silva. **A Cor da Metáfora: O racismo no livro didático de Língua Portuguesa**. Dissertação (Mestrado). UFPB – CCHLA. JOÃO PESSOA, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6312>>. Acesso em: 29 ago. 2024.

HILÁRIO, Rosângela Aparecida; SANTOS, Vinicius de Souza. Interseccionalidade, Educação e Representatividade: O Impacto de Raça e Gênero no Percurso Acadêmico. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 1610–1632, 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/54677>>. Acesso em: 05 set. 2024.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

NASCIMENTO, Dulcilene Ribeiro Soares. Androcentrismo, A Construção da Dominação Cultural Masculina. **Cognitionis**, [S. l.], v. 3, n. 1, n. p, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://revista.cognitionis.org/index.php/cogn/article/view/52/50>>. Acesso em: 05 set. 2023.

OLIVEIRA, Alice Xavier Marques de; MOURA, Diogo da Hora; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Percurso Formativo Decolonial: transgredir, insurgir e (re)existir. **Revista Café com**



Sociologia, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 45–60, 2024. Disponível em: <<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1476>>. Acesso em: 06 ago. 2024.

SILVA, Sandra Maria Cerqueira da. **Tetos de Vitrais: gênero e raça na contabilidade no Brasil**. Tese (Doutorado). USP, 2016. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-03082016-111152/en.php>>. Acesso em: 27 ago. 2024.

SOUSA, Mariana Alves de Sousa. **Jovens Negras e a Sala de Aula: caminhos para promover o reconhecimento da negritude feminina por meio do Ensino de Sociologia**. Dissertação (Mestrado). UNESP, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/items/69fb06d9-80f5-4db8-b049-aff927a8ba6d>>. Acesso em: 03 set. 2024.

VIANNA, Cláudia Pereira; UNBEHAUM, Sandra. O Gênero nas Políticas Públicas de Educação no Brasil: 1988-2002. **Cadernos de Pesquisa**, [S. l.], v. 34, n. 121, p. 77–104, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/KT99NbZ5MFVHHmSm4kwRVGN/>>. Acesso em: 03 set. 2024.





APÊNDICE – SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS



OLIVE SCHREINER

RIBEIRO, Dayanne de Melo. **A ALEXANDRIA FEMININA – UM CAMINHO ENTRE AS CINZAS NA SOCIOLOGIA: o androcentrismo e eurocentrismo na formação do currículo escolar**, 2025.

PLÁGIO É CRIME! REFERENCIE.

LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.

e-mail: dayanne.sax100@gmail.com

DOCENTE: Dayanne de Melo Ribeiro	SÉRIE: 2º e 3º ano – Ensino Médio	DISCIPLINA: Sociologia
BIMESTRE: (a critério do/a professor/a)	DURAÇÃO: 50 min.	TURNO: Matutino/Vespertino /Noturno/Integral
EIXO TEMÁTICO (sugestões): 1. Globalização; 2. Mundo do Trabalho e Reestruturação Produtiva; 3. Cidadania e Direitos; 4. Cultura 5. Mídia no Capitalismo globalizado.		CONTEÚDOS (sugestões): 1.1 Movimentos Sociais. 2.1 O trabalho para Marx; As classes e os estratos sociais no século XX. 3.1 Cidadania; 3.2 Direitos humanos e seus pilares; 3.3 Liberdade; 3.4 Luta por direitos; 3.5 Desigualdades estruturais. 4.1 Cultura, etnocentrismo e relativismo; 4.2 Padrões culturais; 4.3 O conceito de cultura no século XX; 4.4 O conceito de cultura no século XXI; 4.5 A escravidão e a questão racial; 4.6 Sociologia Brasileira. 5.1 Poder, Sociedade e Miatização; 5.2 Mercantilização cultural e saturação midiática; 5.3 Cultura da mídia e controle social; 5.4 Cultura, Ideologia e Identidade cultural no século XXI.

**OBJETIVO GERAL:**

Propiciar a compreensão dos problemas sociais existentes, assim como o eurocentrismo e androcentrismo presentes em nossa sociedade e suas consequências, e estabelecer relações entre esses conteúdos abordados em sala com o cotidiano, para desenvolver pensamento e análise crítica às diversas temáticas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Entender os aspectos sociais decorrentes das desigualdades na relação econômica, política e cultural da sociedade capitalista;
- Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária;
- Compreender a problemática em torno da produção de estereótipos.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES:**Competências:**

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Habilidades:

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados



e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1 – 15/10/2024

EIXO TEMÁTICO:

(a critério do/a professor/a, sugestões acima)

CONTEÚDO:

(a critério do/a professor/a, sugestões acima)

OBJETIVOS:

Entender os aspectos sociais decorrentes das desigualdades na relação econômica, política e cultural da sociedade capitalista;



Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Produções textuais;
- Vídeo;
- Aparelho de som;
- Projetor;
- Notebook;
- Cabo HDMI, VGA e de som;
- Apagador;
- Pincel para quadro branco.

PROCEDIMENTO (METODOLOGIA):

INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	FECHAMENTO
<p>Abordar sucintamente a vida e obra de Olive Schreiner, contextualizando o tema do racismo a partir de sua insistência de que as desigualdades eram produto das relações sociais e não da biologia na sua época. Relatada por uma voz que viveu intrinsecamente aquele período, e sofreu. Possibilitando uma visão amplamente diferente baseada e contada pelos que arcaram com tais opressões e não por seus agressores.</p> <p style="text-align: center;">(20 min.)</p>	<p>Seguidamente, apresentar músicas dos artistas <i>Iza - Fé</i> e <i>Baco Exu do Blues - Autoestima</i>, correlacionando com os <i>insights</i> que se comunicam com perspectivas construtivistas contemporâneas sobre gênero, raça e ciência apresentados por Olive. Pontuando as simbologias presentes nos clipes musicais, bem como na produção dos álbuns e vestimentas dos cantores e suas representações. Com apoio extra do artigo de Campos; Miranda e Palma (2024).</p> <p style="text-align: center;">(20 min.)</p>	<p>Finalizar com análise das letras de cada música, com comentários livres dos estudantes e suas opiniões sobre o tema, mais repasse da atividade complementar.</p> <p style="text-align: center;">(10 min.)</p>





ATIVIDADES:	AVALIAÇÃO:
<p>Trazer na próxima aula exemplos de objetos ou configurações tecnológicas que o incomodam na internet, direcionados aos seus corpos e rostos, os quais eles se sentem pressionados a fazer uso. Ou que sejam direcionados a terceiros, não diretamente ao sujeito, mas que eles próprios não acham correto.</p>	<p>Produção textual de até uma lauda, para casa, sobre os motivos que o levam a se sentirem incomodados sobre tais exemplos da atividade em questão, avaliando o aprofundamento e relação com o tema abordado em sala.</p>
REFERÊNCIAS:	
<p>BLUES, Baco Exu do. Autoestima. Rio de Janeiro: 999 · Altafonte, 2022. Plataforma Digital (02:53 min.).</p> <p>CAMPOS, Fernanda Cecília Alves Gonçalves de; MIRANDA, Natália da Silva; PALMA, Rogério da. Exu não é satã: o rap nacional e o combate ao racismo religioso nas aulas de Sociologia. Revista Café com Sociologia, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 26–43, 2024. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1443>. Acesso em: 05 ago. 2024.</p> <p>DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.</p> <p>IZA. Fé. [s. l.]: Warner, 2022. Plataforma Digital (03:05 min.).</p> <p>NACCA, Giovana. IZA evoca as representações de Afrodite para falar de amor em seu novo. Arte Que Acontece, 2023. Disponível em: <https://www.artequaacontece.com.br/iza-evoca-as-representacoes-de-afrodite-para-falar-de-amor-em-seu-novo-album/>. Acesso em: 07 ago. 2024.</p>	
AULA 2 – 22/10/2024	
<p>EIXO TEMÁTICO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)</p>	<p>CONTEÚDO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)</p>
OBJETIVOS:	
<p>Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária;</p>	





Compreender a problemática em torno da produção de estereótipos.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Produções Textuais;
- Vídeo;
- Aparelho de som;
- Projetor;
- Notebook;
- Cabo HDMI, VGA e de som;
- Apagador;
- Pincel para quadro branco.

PROCEDIMENTO (METODOLOGIA):

INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	FECHAMENTO
<p>Discutir e refletir os resultados das respostas obtidas de cada estudante na atividade repassada na última aula mediando com o livro <i>Como ser Um Educador Antirracista e Diferentes não desiguais</i>.</p> <p style="text-align: center;">(15 min.)</p>	<p>Relembrar brevemente o que foi passado na última aula sobre Olive Schreiner e apresentar trechos de uma de suas obras <i>Mulher e Trabalho (1911)</i>, problematizando as questões sociais, de gênero e raça elencados na produção textual. E indicar filme <i>As Sufragistas</i> para que correlacionem com o que foi debatido, instigando-os com o trailer do próprio.</p> <p style="text-align: center;">(20 min.)</p>	<p>Espaço para apresentação de <i>Mulheres que revolucionaram o Brasil</i>: trazendo neste episódio - buscando sempre relacionar com o eixo temático - Carolina Maria de Jesus vida e obra; e Djamila Ribeiro e seu ativismo no meio digital: a <i>internet</i>. Baseando-se no livro <i>Extraordinárias</i>.</p> <p style="text-align: center;">(15 min.)</p>
<p>ATIVIDADES:</p>		<p>AVALIAÇÃO:</p>
<p>Além de propor que assistam ao filme <i>As Sufragistas</i>, também recomendar que vejam <i>Eu Não Sou um Homem Fácil</i>.</p>		<p>Solicitar que relatem no mínimo 3 cenas que o chamaram atenção associando ao tema debatido em</p>





	<p>sala. Ressaltando para que indiquem em minutos onde se encontram tais cenas do filme.</p> <p>[desse modo fará com que eles de fato assistam e não busquem resumos na <i>internet</i>.]</p> <p>Considerando assim o nível de aprofundamento de cada um e suas conexões entre a teoria discutida e a “prática” presente no cotidiano dos mesmos.</p>
REFERÊNCIAS:	
<p>AS Sufragistas. Direção: Sarah Gavron. Produção de Alison Owen, Faye Ward. Reino Unido: Pathé; Film 4 BFI; Ingenious Media; Canal+; Ciné+; Ruby Films, 2015. <i>Streaming</i> (106 min.).</p> <p>CARARO, Aryane; SOUZA, Duda Porto de. Extraordinárias: Mulheres que Revolucionaram o Brasil. São Paulo: Seguinte, 2018.</p> <p>DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.</p> <p>EU Não Sou Um Homem Fácil. Direção: Éléonore Pourriat. Produção: Eleonore Daily, Édouard de Lachomette. França: Netflix, 2018. <i>Streaming</i> (98 min.).</p> <p>LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. Diferentes, não Desiguais: a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016.</p> <p>PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como Ser um Educador Antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.</p>	



PANDITA RAMABAI

RIBEIRO, Dayanne de Melo. **A ALEXANDRIA FEMININA – UM CAMINHO ENTRE AS CINZAS NA SOCIOLOGIA: o androcentrismo e eurocentrismo na formação do currículo escolar**, 2025.

PLÁGIO É CRIME! REFERENCIE.

LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.

e-mail: dayanne.sax100@gmail.com

DOCENTES: Dayanne de Melo Ribeiro	SÉRIE: 2º e 3º ano – Ensino Médio	DISCIPLINA: Sociologia
BIMESTRE: (a critério do/a professor/a)	DURAÇÃO: 50 min.	TURNO: Matutino/Vespertino /Noturno/Integral
EIXO TEMÁTICO (sugestões): 1. Globalização; 2. Mundo do Trabalho e Reestruturação Produtiva; 3. Cidadania e Direitos; 4. Cultura 5. Mídia no Capitalismo globalizado.		CONTEÚDOS (sugestões): 1.1 Movimentos Sociais. 2.1 O trabalho para Marx; As classes e os estratos sociais no século XX. 3.1 Cidadania; 3.2 Direitos humanos e seus pilares; 3.3 Liberdade; 3.4 Luta por direitos; 3.5 Desigualdades estruturais. 4.1 Cultura, etnocentrismo e relativismo; 4.2 Padrões culturais; 4.3 O conceito de cultura no século XX; 4.4 O conceito de cultura no século XXI; 4.5 A escravidão e a questão racial; 4.6 Sociologia Brasileira. 5.1 Poder, Sociedade e Mídia; 5.2 Mercantilização cultural e saturação midiática; 5.3 Cultura da mídia e controle social; 5.4 Cultura, Ideologia e Identidade cultural no século XXI.



**OBJETIVO GERAL:**

Propiciar a compreensão dos problemas sociais existentes, assim como o eurocentrismo e androcentrismo presentes em nossa sociedade e suas consequências, e estabelecer relações entre esses conteúdos abordados em sala com o cotidiano, para desenvolver pensamento e análise crítica às diversas temáticas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Entender os aspectos sociais decorrentes das desigualdades na relação econômica, política e cultural da sociedade capitalista;
- Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária;
- Compreender a problemática em torno da produção de estereótipos.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES:**Competências:**

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Habilidades:

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).



(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1 – 15/10/2024

EIXO TEMÁTICO:

(a critério do/a professor/a, sugestões acima)

CONTEÚDO:

(a critério do/a professor/a, sugestões acima)

OBJETIVOS:

Entender os aspectos sociais decorrentes das desigualdades na relação econômica, política e cultural da sociedade capitalista;

Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária.



RECURSOS DIDÁTICOS:

- Produções textuais;
- Vídeo;
- Aparelho de som;
- Projetor;
- Notebook;
- Cabo HDMI, VGA e de som;
- Apagador;
- Pincel para quadro branco.

PROCEDIMENTO (METODOLOGIA):

INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	FECHAMENTO
<p>Discutir vida e obra de Pandita Ramabai Sarasvati. Erudita do continente asiático que lutou pelos direitos das mulheres viúvas, adolescentes e meninas indianas, apontando a negação de oportunidades educacionais para moças, infanticídio feminino e valorização dos filhos sobre as filhas. Ela resgatou da pobreza e violência centenas de pessoas do sexo feminino, e “seus escritos permitem conexões com os debates pós-coloniais, hoje tão em voga nos estudos feministas” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 13).</p> <p style="text-align: center;">(20 min.)</p>	<p>Retratar trailer do filme <i>A Voz do Empoderamento</i>, baseado na história real de Gangubai Harjivandas, popularmente conhecida como Gangubai Kothewali. Desenvolvendo com a riqueza de exemplos sobre as abordagens inculcadas por Pandita, a exemplo de um dos primeiros manifestos políticos feministas escritos por uma indiana, “relato importante contra visões estáticas das relações sociais e de gênero na Índia e outras sociedades não ocidentais” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 89).</p> <p style="text-align: center;">(20 min.)</p>	<p>Concluir com discussão em torno de protestos contra guerras de cunho religioso com finalidades de posses de territórios, entre proibições etc., que recaem apenas ao gênero feminino. Exemplificando com charge de protesto de mulheres e a simbologia dos seus véus e de cortar seus próprios cabelos no Irã.</p> <p style="text-align: center;">(10 min.)</p>





ATIVIDADES:	AVALIAÇÃO:
<p>Assistir ao filme <i>A Voz do Empoderamento (Gangubai)</i>, e selecionar no mínimo 3 cenas que lhe chamaram atenção e o porquê, associando ao tema debatido em sala. Ressaltando para que indiquem em minutos onde se encontram tais cenas do filme.</p> <p>[desse modo fará com que eles de fato assistam e não busquem resumos na <i>internet</i>.]</p>	<p>Trazer na próxima aula infográfico digital ou manual com colagens de ilustrações ou recortes de capturas de tela das cenas do próprio filme, da <i>internet</i>, revistas, livros, etc., e também palavras chaves, e símbolos que representem os estudos de Pandita percorridos em sala.</p>
REFERÊNCIAS:	
<p>DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.</p> <p>A VOZ do Empoderamento (Gangubai Kathiawadi). Direção: Sanjay Leela Bhansali. Produção: Sanjay Leela Bhansali, Jayantilal Gada, Jaspinder S. Kang. Índia: Netflix, 2022. <i>Streaming</i> (153 min.).</p>	
AULA 2 – 22/10/2024	
<p>EIXO TEMÁTICO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)</p>	<p>CONTEÚDO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)</p>
OBJETIVOS:	
<p style="text-align: center;">Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária; Compreender a problemática em torno da produção de estereótipos.</p>	
RECURSOS DIDÁTICOS:	
<ul style="list-style-type: none"> ● Produções textuais; ● Vídeo; ● Aparelho de som; ● Projetor; ● Notebook; 	





- Cabo HDMI, VGA e de som;
- Apagador;
- Pincel para quadro branco.

PROCEDIMENTO (METODOLOGIA):

INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	FECHAMENTO
<p>Retomar discussão sobre o filme repassado como atividade e tema abordado na aula passada. Relacionando a obra de Pandita Ramabai <i>A Mulher Hindu de Casta Alta (1887)</i>, argumentando a respeito do patriarcado, religião, machismo, violência, manutenção de sistemas, política e classe, pois a mulher hindu sofria em seu cotidiano injustiças e preconceitos desde o seu nascimento.</p> <p>(20 min.)</p>	<p>Sequencialmente apresentar a música <i>Díáspora - Tribalistas</i>, problematizando as imposições e distorções das religiões e demais culturas, exemplificando com os casos Rússia x Ucrânia, e Israel x Palestina, correlacionando aos estudos de Pandita. Bem como discutir a posição das mulheres em ambos os casos sobre cabelo, vestimentas, e outras representações de papéis.</p> <p>(15 min.)</p>	<p>Finalizar com a abordagem sobre os conflitos mencionados voltados para uma perspectiva mais ampla de grupos atingidos, e sua resistência. Com texto-base <i>Quantos campos de batalha? - Rita von Hunty</i>, inserido no livro <i>Gaza no Coração</i>.</p> <p>(15 min.)</p>
ATIVIDADES:		AVALIAÇÃO:
Criar charge relacionada aos conflitos citados na aula, podendo ser voltado para uma perspectiva geral, ou de gênero.		Considerar nível de desempenho e reflexão sobre o eixo temático e profundidade de compreensão.
REFERÊNCIAS:		
<p>DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.</p> <p>HUNTY, Rita von. <i>Quantos campos de batalha?</i>. In: OLIVEIRA, Rafael Domingos (org.). Gaza no Coração: história, resistência e solidariedade na Palestina. São Paulo: Elefante, 2024.</p> <p>TRIBALISTAS. Díáspora. Rio de Janeiro: Phonomotor Records; Universal Music, 2017. Plataforma Digital (04:02 min.).</p>		





ERCÍLIA NOGUEIRA

RIBEIRO, Dayanne de Melo. **A ALEXANDRIA FEMININA – UM CAMINHO ENTRE AS CINZAS NA SOCIOLOGIA: o androcentrismo e eurocentrismo na formação do currículo escolar**, 2025.

PLÁGIO É CRIME! REFERENCIE.

LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.

e-mail: dayanne.sax100@gmail.com

DOCENTES: Dayanne de Melo Ribeiro	SÉRIE: 2º e 3º ano – Ensino Médio	DISCIPLINA: Sociologia
BIMESTRE: (a critério do/a professor/a)	DURAÇÃO: 50 min.	TURNO: Matutino/Vespertino /Noturno/Integral
EIXO TEMÁTICO (sugestões): 1. Globalização; 2. Mundo do Trabalho e Reestruturação Produtiva; 3. Cidadania e Direitos; 4. Cultura 5. Mídia no Capitalismo globalizado.		CONTEÚDOS (sugestões): 1.1 Movimentos Sociais. 2.1 O trabalho para Marx; As classes e os estratos sociais no século XX. 3.1 Cidadania; 3.2 Direitos humanos e seus pilares; 3.3 Liberdade; 3.4 Luta por direitos; 3.5 Desigualdades estruturais. 4.1 Cultura, etnocentrismo e relativismo; 4.2 Padrões culturais; 4.3 O conceito de cultura no século XX; 4.4 O conceito de cultura no século XXI; 4.5 A escravidão e a questão racial; 4.6 Sociologia Brasileira. 5.1 Poder, Sociedade e Mídia; 5.2 Mercantilização cultural e saturação midiática; 5.3 Cultura da mídia e controle social; 5.4 Cultura, Ideologia e Identidade cultural no século XXI.

OBJETIVO GERAL:

Propiciar a compreensão dos problemas sociais existentes, assim como o eurocentrismo e androcentrismo presentes em nossa sociedade e suas consequências, e estabelecer relações entre esses conteúdos abordados em sala com o cotidiano, para desenvolver pensamento e análise crítica às diversas temáticas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Entender os aspectos sociais decorrentes das desigualdades na relação econômica, política e cultural da sociedade capitalista;
- Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária;
- Compreender a problemática em torno da produção de estereótipos.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES:**Competências:**

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Habilidades:

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).



(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1 – 15/10/2024

EIXO TEMÁTICO:

(a critério do/a professor/a, sugestões acima)

CONTEÚDO:

(a critério do/a professor/a, sugestões acima)

OBJETIVOS:

Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária;

Compreender a problemática em torno da produção de estereótipos.



RECURSOS DIDÁTICOS:		
<ul style="list-style-type: none"> ● Produções Textuais; ● Vídeo; ● Aparelho de som; ● Projetor; ● Notebook; ● Cabo HDMI, VGA e de som; ● Apagador; ● Pincel para quadro branco. 		
PROCEDIMENTO (METODOLOGIA):		
INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	FECHAMENTO
<p>Iniciar com reprodução da música <i>Pagu - Rita Lee</i>, refletindo as questões sociológicas em torno da mesma. Em seguida, apresentar sucintamente a história da brasileira Pagu apoiando-se no livro <i>Extraordinárias</i>.</p> <p style="text-align: center;">(15 min.)</p>	<p>Correlacionar música e história de Pagu com os pensamentos sociais de Ercília Nogueira Cobra, e sua obra <i>Virgindade Anti-higiênica (1924)</i> que trata sobre a hipocrisia em relação ao controle da sexualidade direcionada totalmente ao gênero feminino. Mostrando que o controle da sexualidade pode ser a base para o exercício de inúmeras outras relações de poder, além de discorrer sobre independência financeira, o poder e controle de seu próprio corpo, direcionando aos estereótipos aplicados às mulheres.</p> <p style="text-align: center;">(20 min.)</p>	<p>Reproduzir trecho do filme <i>Lindinhas</i> refletindo as críticas em torno dele no Brasil, e sua ameaça de censura pelo Governo. Discutindo sobre o forte alerta para uma sociedade que não ampara como deveria suas crianças e a sexualização precoce, que ocupa o vazio da ausência de outras possibilidades de visibilidade.</p> <p style="text-align: center;">(15 min.)</p>
ATIVIDADES:		AVALIAÇÃO:
<p>Assistir ao filme <i>Lindinhas</i>, e selecionar no mínimo 3 cenas que lhe chamaram atenção e o porquê, associando ao tema debatido em sala. Ressaltando para que indiquem em minutos onde se encontram tais cenas do filme.</p>		<p>Produção textual de uma lauda, para casa, abordando sobre a importância do tema tratado no filme e reflexão em relação às suas críticas.</p>





[desse modo fará com que eles de fato assistam e não busquem resumos na <i>internet</i> .]	
REFERÊNCIAS:	
<p>ABDO, Carmita. 'Lindinhas', da Netflix: assista antes de condenar. Veja Abril. [s. l.], 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/lindinhas-da-netflix-assista-antes-de-condenar>. Acesso em: 14 ago. 2024.</p> <p>DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.</p> <p>LEE, Rita. Pagu. São Paulo: Universal Music Brasil, 2000. Plataforma Digital (03:54 min.).</p> <p>LINDINHAS. Direção: Maïmouna Doucouré. Produção: Zangro. França: Netflix, 2020. <i>Streaming</i> (96 min.).</p>	
AULA 2 – 22/10/2024	
EIXO TEMÁTICO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)	CONTEÚDO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)
OBJETIVOS:	
<p>Entender os aspectos sociais decorrentes das desigualdades na relação econômica, política e cultural da sociedade capitalista;</p> <p>Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária.</p>	
RECURSOS DIDÁTICOS:	
<ul style="list-style-type: none"> ● Produções Textuais; ● Vídeo; ● Aparelho de som; ● Projetor; ● Notebook; ● Cabo HDMI, VGA e de som; ● Apagador; ● Pincel para quadro branco. 	





PROCEDIMENTO (METODOLOGIA):		
INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	FECHAMENTO
Retomar debate sobre filme e atividade repassada na aula anterior com comentários e respostas dos estudantes. (15 min.)	Apresentar poema de Elisa Lucinda: <i>Mulata Exportação</i> e problematizar, com apoio das obras de Ercília Nogueira e Bárbara Pinheiro, sobre racismo. Em seguida, dar continuidade a abordagem das discussões de Ercília sobre sexualidade e gênero mais profundamente. (20 min.)	Discutir brevemente sobre a luta LGBTQIAP+ conjuntamente a história de Felipa de Souza, símbolo da luta. Abrasileirada, foi condenada e castigada por lesbianismo pela Inquisição no Brasil colonial, Felipa é considerada a primeira mulher das américas a reconhecer publicamente sua homossexualidade. (15 min.)
ATIVIDADES:		AVALIAÇÃO:
Pesquisar exemplos de ações afirmativas e políticas públicas existentes no Brasil.		Solicitar que com os exemplos pesquisados desenvolvam ludicamente uma política pública que na concepção deles deveria existir, avaliando o nível de entendimento sobre as questões sociais tratadas em sala.
REFERÊNCIAS:		
<p>CARARO, Aryane; SOUZA, Duda Porto de. Extraordinárias: Mulheres que Revolucionaram o Brasil. São Paulo: Seguinte, 2018.</p> <p>DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.</p> <p>LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. Diferentes, não Desiguais: a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016.</p> <p>LUCINDA, Elisa. <i>Mulata Exportação</i>. Portal Geledés. São Paulo: 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/de-elisa-lucinda-mulata-exportacao/>. Acesso em: 09 ago. 2024.</p> <p>PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como Ser um Educador Antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.</p>		



